

CREPUSCULO

ORGAM LITTERARIO E NOTICIOSO

Propriedade de Sabbas Costa

ANNO II

ASSIGNATURAS:
Por mez 500
Pagamento adiantado

Publicação semanal
STA. CATHARINA -- Desterro, 10 de Setembro de 1888

Escriptorio da Redacção,
à rua do Senado
N. 17

N. 21

COLLABORADORES

DD. Delminda Silveira, Revocata
H. de Mello (Rio Grande), Ibrantina
de Oliveira, Alice de Alencar (Montevideo) e Ubaldina A. de Oliveira,
Silvio Pellico, Bernardino Varalla,
Dr. Mèsseder, Carlos de Faria,
Pedro Goudel, Timotheo Maia, Ernesto Pires, Brígido Peizoto e Sabbas Costa.

CREPUSCULO

Desterro, 10 de Setembro

O TESTAMENTO VERMELHO

Pela casa — O Livro de Ouro — da qual é proprietario o conceituado cidadão João Firmo C. Pires da Cunha, foi-nos obsequiosamente offerecido um «specimen» d'aquella eminente obra, pelo qual poder-se-ha julgar a sua importancia.

Xavier de Montepin, um dos primeiros romancistas, é o autor da obra cujo titulo emcima estas linhas.

O prospecto do romance, publicado pela filial da casa editora David Corazzi, da qual é gerente José de Mello, diz sobre o «Testamento» as seguintes palavras:

« Romance palpitante de actualidade, de dialogo animado, descripções flagrantes de verdade, fidelissimo na pintura dos costumes, cheios de situações dramaticas, entrecortado de mil peripecias habilmente contrastadas entre si, urdido com a trama de uma phantasia coruscante de genio, «O Testamento Vermelho» é uma das raras produções no seu genero, que prende irresistivelmente o leitor arrastando-o, virtiginoso, atravez de todas as scenas até o desenlace final.

« Quem lêr as primeiras folhas do «Testamento Vermelho» sentirá por certo acorrentado o espirito pelas fas-

cinacões da penna de Xavier de Montepin, ao ponto de desejar, com um só fôlego, attingir o ultimo capitulo do romance. E esta magia, este singular encanto, constitue o segredo d'aquella penna privilegiada, que n'esta sua recente producção pôz todas as scintillações, todo o brilho de colorido, todos resplendores de verdade e delicadeza de pormenores que a elevam acima das mais consideradas d'este auctor. »

Ora, pelo que fica exposto, crêmos que como amantes das letras aquellas pessoas que possuem inspiração, que tem vontade de saber de tudo o quanto contitue-se o mundo, não podem deixar de possuir o livro de Xavier de Montepin, o escriptor moderno e illustrado, o litterato eminente.

A' leitura! A' leitura!

Eis o que devemos fazer, porque o resultado é utilissimo.

As letras, como sabem os leitores, precisam ser mais cultivadas, mais familiarisadas, e portanto a leitura de um bom romance, d'um romance de originalidade adoravel, é o unico meio, o meio mais licito de tornar-se vasta a litteratura popular.

Acompanham o «specimen» umas quantas gravuras de luxo e primor.

Agradecendo ao Sr. Firmo, desejamos muitas prosperidades á sua acreditada casa.

Conto original

A * * *

N'aquelle caminho mais aprazivel da cidade, caminho longo, arenoso, onde se mostravam edificios elegantissimos, onde os jardins botanicos mais abundavam e onde o ambiente mais confortavel e rico se alava, entrelaçando-se ao perfume inebriador das flôres, que se balouçavam meiga e subtilmente, com gestos furtivos de don-

zella, aos beijos excitantes e enamorados de Favonio errante, — n'aquelle caminho, dizia, onde a natureza parecia ter os labios continuamente a sorrirem, erguia-se uma casa de simples aparato, mas extremamente sympathica,

Dous muros, — um á direita, outro á esquerda, — pareciam amparal-a. O do lado esquerdo cedia largo espaço a um bonito portão de ferro, por cujas grades deixava vêr-se o parque contornado de canteiros guarnecidos de mil flôres odoríferas,

Um bravio «terra nova» ahi durante o dia achava-se encorrentado, sendo solto á noite pelo dono, — o chefe da familia, — unico que d'elle se aproximava...

Era em Abril de 188...

A terra começava a offerecer esta sua face fecunda aos beijos ardentes do sol, que, contente e n'umas scintillações de oiro, parecia dançar no espaço enchendo o céu de despeito... zombando do céu!...

Não me recorde de ter visto manhã mais linda!

Dir-se-hia mesmo, permittam-me a expressão, uma manhã republicana!

Mas, vamos ao conto...

N'essa manhã d'Abril, pois, um negocio urgente obrigava-me a passar pela estrada em que estava situada a casa em questão. Sceptico como sempre eu ia andando, quando quasi junto ao portão d'aquella propriedade, ouço um breve sussurro de saia fugidia... Apréssio o passo e chego a vêr ainda, por traz do parque — uma moça desgrenhada e muito pallida que andava ligeira e muito assustadamente, e um rapaz estroina que eu conhecia e que era filho do casal ahi residente.

Esta occurrencia preoccupou-me a imaginação, e desde logo resolvi interrogar o rapaz a respeito.

Mais tarde, ao voltar de minha excursão, encontro este mesmo marióla, que provavelmente, a julgar pelos livros que trazia, ia a esse tempo para a escola.

Olá! Paulo, diz-me uma cousa...

— O que é?

Quem era aquella moça que eu vi a pouco, ao romper do dia, no parque

da tua casa, e o que fazia ella... para fugir tão assustada?

— Não, exclama Paulo embaraçado, não, ella não fugia assustada... Aquella moça é minha irmã, e eu estava... beijando-a!...

PEDRO GOUDEL.

8—9—88.

A receita

No camarim còr de rosa e malva, por cujas cortinas mal penetrava a luz, a gentil viscondessa de Belvélise, um tanto pallida, com uns olhos de moribunda, estava deitada, toda coberta de rendas, sobre uma «chaise-longue».

Os seus pesinhos nùs, de calcanhares rosados, sahem a meio das chinellas de perolas. Junto della, o medico da moda, joven, lindo, de umas maneiras de estrangeiro, com as compridas mãos apalpava-lhe o pulso por baixo das rendas da manga.

—E' grave, não, doutor? disse ella, com um gracioso estremecimento que parecia de febre.

—Muito grave, disse elle.

—Eu estou certa que é uma languidez o que soffro.

—Exactamente.

—E qual é a causa da molestia?

—Eu creio, minha senhora, que ha duas causas.

—Duas? o senhor me faz medo. Quaes? diga depressa.

Elle pareceu hesitar, e entretanto sorria.

—E então, senhor, quaes são essas causas?

—São, respondeu elle afinal, em voz baixa: os seus vinte annos, e os sessenta annos de seu marido.

—Oh! doutor!

Ficou muito còrada. Nem parecia mais estar doente.

O elegante doutor continuou:

—Já deve ter notado, minha senhora, como as flôres de sua varanda desmaiam e se estiolam, pallidas e doentes, quando se passa muito tempo sem receberem a tepida caricia das aguas. Pois as mulheres são como as flôres, e neste ponto os medicos estão de accòrdo com os poetas.

Oh! doutor! repetia a viscondessa, enrubescendo cada vez mais.

E depois de breve silencio, perguntou:

—E...o remedio?

—As rosas, minha senhora, tornam a florescer logo que recebem algumas gottas de chuva.

A' doente, desta vez, ficaram-lhe as faces mais vermelhas do que uma peonia! e toda embaraçada, voltou para a parede o rosto coberto pelos cabellos em desalinho.

O medico pensou de certo que não seria de bom gosto prolongar a vista: fez um cumprimento e dirigio-se para a porta.

—Doutor? murmurou ella.

Elle parou.

—Está bem certo de que não ha outro remedio?

—Certissimo.

Ella respirou. Elle ia a sahir.

—Pois então, disse ella com voz mais fraca ainda, porque se retira já?

CATULLE MENDÉS

Tita

A CARLOS DE FARIA

Conheço-a por tradiçãõ.

E' fluminense, tem vinte annos.

Seu raro talento desabrocha claro como petalas de magnolia.

agradecendo aos deuses o feliz pensamento do cesar.

O dia do espectaculo raiou emfim, com grande satisfação de todos, até das prisioneiras que desejavam com ancia o final da lugubre tragedia.

A traços largos descrevamos o scenario e as peripecias do acontecimento.

II

O grande amphitheatro, composto de quatro andares, havia aberto as suas oitenta portas e dentro em pouco regorgitava de espectadores.

Todos haviam entrado na devida ordem, segundo a sua condiçãõ social e tomaram os lugares que lhes competiam e lhes eram indicados pelos mestres de ceremonias, os «designatores»; na primeira fila de bancadas, alcatifadas de sedosos coxins, no «podio», sentaram-se os reis estrangeiros, os consules, os embaixadores, os senadores e as donzellas sagradas —as vestaes— resguardadas por vistosos pavilhões; por traz do «podio», em quatorze filas de bancadas, tomaram lugar os cavalleiros, os sacerdotes, os tribunos civis e militares e os cidadãos romanos; em galerias especiaes resplandeciam de luxo as mu-

Escreve poesias que fazem honra a brilhante talento de que é possuidor.

Su'alma de virgem é limpida como azas de archanjos, é illuminada por cruzeiros de estrellas!

No «Crepusculo», na «Palavra», na cidade do Desterro, extasia-me a leitura de suas inspiradissimas produções litterarias.

Tita! é o seu appellido de familia: estas duas syllabas são tão dôces de pronunciar-se como os perfumes que mansa briza ao passar nas florestas no embebe a alma.

Creio até que o espirito desta distincta e genial poetisa vôa ao mundo dos planetas e traz os seus raios de luz para d'elles fabricar pennas... e depois molhal-as na tinta purpúrea dos crepusculos para escrever suas relampagantes poesias!...

II

E' esta a offerta que posso fazer a poeta dos «Metéoros».

ARTHUR TEIXEIRA

Laguna, 15 de Agosto de 1888.

A alma do sabiá

A principio, como se diz na Biblia nos contos infantis, a principio o sabiá era mudo.

Mudo é um modo de dizer: á tarde ao voltar para o ninho já sabia dar aquelles pios tristes e longos que ainda hoje tem; mas era só.

E era motivo de perpetua galhoia para os outros passarinhos vêr aquelle individuo tão corpolento e tão pêcco de garganta, que o beija-flôr, com o seu

lheres nobres de Roma, as matronas, adornadas de custosas pedrarias— o que das Indias podia vir de mais caro—; e finalmente nas ultimas filas, que eram de pedra, accommodava-se a enorme multidãõ compacta, o povo.

Cerca de cento e vinte mil individuos enchiam o amphitheatro, produzindo o sussurro vago e temeroso que semelha ao longe o surdo rumor do mar.

O povo romano, ávido de commoções fortes, desejava de assistir a novas e sanguinarias scenas que lhe revolvessem a alma embrutecida pelas devassidões, anceava por vêr o curioso espectaculo que o cesar lhe offerecia.

Para que o sol não molestasse os assistentes, havia sido armado o immenso toldo escarlate, o «velario», por onde a luz coava-se com doçura, dando ao recinto um tom ligeiramente rosado.

O ambiente impregnava-se de suaves aromas: bellas escravas egypcias e gregas, semi-nuas e coroadas de flôres, espargiam por toda a parte deliciosas essencias.

Esplendia o mais requintado luxo oriental.

6 ROMANCE DO "CREPUSCULO"

AS NOITES DE VERÃO

POR

DAMASCENO VIEIRA

As martyres

I

A sorte, porém, protegeu-a: a natureza abreviou-lhe o tempo do parto, e ella deu á luz a uma menina na prisão. Confiou a creança aos cuidados de uma mulher christã, e resignadas esperaram ambas o terrivel supplicio.

Passados os tres dias de «jogos seculares», nos quaes toda Roma palpitou de indescriptivel jubilo, o imperador fez affixar annuncios noticiando ao povo um apparatuso e surprehendente espectaculo no Colyseu, promettendo que no final do divertimento duas mulheres christãs haviam de ser mortas na arena por animaes feroces ou por gladiadores.

O povo exultou no auge do contentamento,

cantosinho fino e estridente, e o pardal, com a sua phrase monotona, faziam melhor figura do que elle.

Mas um dia, uma tarde, o sabiá (porque nesse tempo havia só um sabiá, como um só pardal e um só beija-flôr) estava em uma laranjeira, á beira da estrada, junto a uma porteira da casa: e vinha passando um cavalleiro, com o rosto ainda voltado para uma janella, de onde uma linda moça, chorosa, dizia-lhe adeuses repetidos.

Eram noivos que se separavam, trocando os derradeiros olhares com tão intima ternura como si quizessem nelles trocar as almas.

Então o sabiá, atravessando a estrada, cruzou aquelles olhares amorosos.

Sentiu-se como trespassado por um corrente electrica.

Pousou em uma laranjeira defronte, e, ao desprender o pio monotono de todas as tardes, entoou maravilhado, um canto suavissimo, repassado de infinita melancholia, como si fosse a saudade dos amantes que ali estivessem soluçando.

Assim foi que o sabiá começou a cantar.

LUCIO DE MENDONÇA

Innocente

Durante a opulencia de uma tarde de Agosto eu passeava.

As flôres, cujas petalas estavam ainda languidas pelo garbo solar, não exhalavam um só perfume...

Os passarinhos, auroras da terra, punham-se a cantar uns cantos cheios de doçura, uns cantos cheios de alegria.

Passava eu por uma casa baixa.

Uma voz, cujo som parecia-me de alguma « rapariguita » dos seus 16 annos, echoava aos meus ouvidos assim: — Chamem o doutor! chamem o doutor!

Fiquei absorto, porém approximando-me da casa, vi que era um fortissimo ataque que dava n'uma creancinha de tres santas e virginaes primaveras.

Pobre creança! exclamei.
Chegou o medico.

A receita fôra a botica, porém fôra inutil porque antes de prompta a droga já a creança expirava.

Era uma creança gentil, de olhar enebriante. Eram loiros os seus cabellos, eram alvissimos os seus pequenos dentes.

Chamava-se Lelia.
Um caixãozinho azul era o seu lar eterno.

Quando eu fitava-o, uma nostalgia immensa enfiava-se-me n'alma.

Velavam-na umas suas irmãs.

Que quadro predestinado que melancholia occultavam as faces amarelladas da pobre creança! No entanto,

ella, ainda que innocente, sempre dizia que tinha medo de morrer...

Pobre anjo!

Quando puzeram-na na alcova fria de uma sepultura a inebriante briza soluçava assim: — Voai, voai para a amplidão dos céos!

SABBAS COSTA

Desterro, 8—9—88.

PEROLAS DE OPHIR

Descrença

Anoite triste desdobrou seu manto...
Dorme em somno profundo a natureza,
E eu, prostrada ás ancias da tristeza,
Derramo da saudade o amargo pranto...

Onde p'ra mim da vida o doce encanto?
Onde da paz a cálida belleza?
Sinto em minh'alma a dór cratera accesa
Sinto em meu peito a dór que peza tanto.

Hoje, o meu coração chorou mais triste
Ao sentir-se banido da ventura
E da crença que aos tristes subsiste...

Oh, Senhor Deus! que pavida amargura
Minha vida em tormentos mil consiste
que só terminarão na sepultura...

UBALDINA A. DE OLIVEIRA

Desterro, 5 de Septembro de 1888.

O perdão

Elle supplice, o vil, o renegado,
Que a desgraça ferindo fez constricto,
Vem prostrar-se andrajoso, extenuado
Do viver turbulento de prescito,

Ante aquella, que ao vél-o transviado,
O seu filho, o d'amor fructo bemdiecto;
Longos annos de luto amargurado
Arrastou por um bárathro infinito!

Ella cheia do santo amor materno,
Que á mulher transfigura em divindade,
N um abraço recebe o filho terno;

E o perdão, dos seus olhos de bondade,
N uma lagrima, rola, grande, eterno
Como um astro que cae da immensidade!

CANDIDA FORTES

retrato

Incline um pouco o rosto... assim... ainda
Arqueie o braço, a mão sobre a cintura;
Deixe fugir-lhe um riso á bocca pura,
E a covinha animar a face linda.

Erga a ponta do pé... que graça infinda!
Quero nos olhos vér-lhe a formosura,
Feitiço azul de orvalho que fulgura
Flóco de luz suave que não finda!

Ha pouca luz... eu vejo-a... está sentada!
Passon-lhe a sombra de um cuidado agora
Na ruginha da fronte jameada!

Eufadou-se? meu Deus, eil-a que chóra.
Pois calha-me o pincel; que mão ousada!
Pintar de noite o levantar da aurora!

JOSÉ BONIFACIO

Acrosticos

A SABBAS COSTA

Irmã dos astros e das madrugada;
Beatriz, que a minh'alma doira e enflora,
Óbta um pouco de sóes... das constelladas
Simplidões onde estás, ó minha aurora!
Não te esquives de mim, vem para perto,
Toma o meu coração, que está vasio;
Fundame de céu... de céu abérto...
Não me fujas; minh'alma sente frio:
Vida, sem ti, a vida é me um deserto!

II

AO SYMPATHICO POETA TIMOTHEO MAIA

Antes de Deus ter feito a primavera,
Poira nasceste refforindo tudo,
Immèrsa em raios de uma luz sincera
Como a visão ideal de uma chiméra:
Desde essa hora Deus tornou-se *mido!*...

CARLOS DE FARIA

Laguna, 10—8—88.

Aos Bons Annos (56) do meu amigo e compadre
Illm. Sr. alferes Manoel Bernardino Augusto
Varella, dignissimo amanuense da
Secretaria da Policia

Soneto

N'este dia feliz e venturoso,
Em que approve á Divina Providencia
Conceder-nos fruir alma excellencia,
E' vivo o meu prazer, jubilo e gôso;

Saúdo, pois, o amigo prestimoso,
Desejando-lhe os bens d'alta existencia,
Que merece por sua complacencia
E mil virtudes mais, sempre extremoso:

Cercado da familia amada e cara,
E dos amigos seus estremecidos,
Góse sempre a ventura mais preclara!

Deos corde os seus annos repetidos
De constante prazer, e dita rara,
Para premio dos dotes seus subidos!...

FRANC. DE PAULICÈA M. DE CARVALHO

Cidade do Desterro, 1º de Agosto de 1888.

NOTICIARIO

O poeta Carlos de Faria, nosso illustre collaborador, que ha dias achava-se enfermo, já está restabelecido. Parabens.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos;

Um folheto da acreditadissima e conhecida pharmacia dos distinctos cidadãos Raulino Horn & Oliveira, que se occupa do excellente —Xarope de Augico composto com Tolú e Guaco—, preparado d'aquella casa.

Muitas opiniões, que affirmam a magnificencia do Tolú e do Guaco, apparecem no folheto, assim como grande quantidade de attestados de pessoas, restabelecidas com o dito medicamento.

Felicitando aos illustres e habéis pharmaceuticos-droguistas, pelas importantes provas de apreço que têm tido por este e outros seus preparados, desejamos—prosperidades.

— Um «specimen» do «Testamento Vermelho», optimo romance de Xavier de Montepin, da casa —Ao Livro de Ouro—de propriedade do Sr. João Firmino C. Pires da Cunha.

— Um prospecto da «Moda Illustrada», jornal das familias, contendo diversos figurinos.

— O «Artista», importantissimo diario do Rio Grande, do qual é proprietario o illustre jornalista Francklin Torres.

— A «Gazeta de Campinas», do poeta Carlos Ferreira, continúa honrandonos com a sua permuta.

A «Gazeta», como sempre, possui optimos artigos.

S. D. P. TREZE DE MAIO

Esta sociedade, ha dias fundada por um grupo de amadores, estreou na noite de 6 do corrente, levando á scena o applaudido drama «A Vingança do Escravo», cujo desempenho foi regular.

Avante, jovens amadores! é este o nosso desejo.

ALBUM DE PARABENS

Completo 23 primaveras, no dia 1 do corrente, o nosso distincto amigo Egidio Nocetti, moço que, pelas suas excellentes qualidades, goza de geral conceito.

Abraçamol-o.

Foi nomeado telegraphista de segunda classe o nosso talentoso conterraneo

João Coreiroca, moço de bons predicados e digno de conceito. Saudamol-o.

O modesto monumento do arcepreste Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva

Os abaixo assignados cumprem o justo dever de agradecer cordialmente aos dois prestimosos, probos e sympathicos artistas, Illms. Srs. major Camillo José de Souza e Joaquim Becker, o seu expontaneo, generoso e valiosissimo concurso, o primeiro, do bonito trabalho de pintura, douramento e ornamentação, e o segundo, do não menos bello do fabrico e promptificação de uma cruz metallica, para o modesto monumento, recentemente erguido no jazigo do saudosissimo Arcepreste Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva, monumento esse gentilmente ornado com uma breve mas linda poesia da distincta e apreciadissima poetisa desterrense, Exma. Sra. D. Delminda Silveira de Souza.

Assim externando o seu profundo reconhecimento, os infrascriptos agradecem ainda aquelles bondosos Srs. o haverem-se, tambem expontanea e proficuamente, incumbido de obter donativos para as despezas necessarias á alludida Obra; e ao mesmo tempo testemunham a sua eterna gratidão a todos os illustres cavalheiros que de bom grado se prestaram para esse fim com o seu importantissimo auxilio pecuniario, dando assim mais um nobre testemunho de gratidão, acatamento e saudade á augusta memoria do illustrado catharinense, cuja perda ainda hoje todos nós lamentamos.

FRANC. DE PAULICÉA M. DE CARVALHO
MANOEL BERNARDINO A. VARELLA

Desterro, 6 de Setembro de 1888.

NOVO POEMA

Lê-se na «Cidade do Rio»:

«O distincto poeta Luiz Murat começou um novo poema, cujo titulo ainda é segredo.

«O assumpto do trabalho poetico do autor das «Ondas», pelo que ouvimos em palestra intima, é mais ou menos o seguinte:

«A terra com o volver dos annos, tendendo a desaparecer, vai aos poucos approximando-se do grande vertice de fogo, o sol, e girando, girando em torno delle, durante muitos seculos, como uma mariposa colossal em um tempo determinado é absorvida pelo astro rei e vai habitar-lhe o coração ardente.

«O sol; no grande vasio, continúa sua derrota, trazendo eternamente a sua grande luz e expurgando-a no vacuo como si ainda ali andasse a terra. Isolado, afinal, no infindo espaço, elle o festivo sol que accende as madrugadas, entedia-se do seu eterno caminhar, saudoso do tempo em que beijava a terra, saudoso do tempo em que a ouvia cantar a seus pés, fazendo do barulho dos oceanos lyrica e do gemido dos ventos rapidos queixumes, procura tambem asyalar-se em outro planeta e vae, céo a fóra sosinho, até que se afunda de tristeza no seio de um astro irmão e esquece, morrendo, toda a sua melancolia de grande solitario, indo refundir-se no ventre fecundo de um planeta para mais tarde apparecer mais forte, mais ardente e mais activo no caminho trevoso por onde os astros passeiam, o cahos, o fructuoso e escuro laboratorio de Deus.

«Eis mais ou menos a idéa geral do poem» em que começou a trabalhar Luiz Murat. Podemos garantir de antemão aos nossos leitores, que em breve daremos um trecho do precioso escripto do distincto moço.»

LOGOGRIPO ACROSTICO
AO DISTINCTO BARDO DETERRENSE — CARLOS DE FARIA

(EM RETRIBUIÇÃO AO SEU MIMOSO SONETO)

EU TE AGRADEÇO
u te aconselho que não te exponha a esta, 4, 11, 6, 15, 18, 14, 8, 16
um dia a festa esta dór vem dar! 13, 24, 17, 28, 25

TE AGRADEÇO
oma cuidado, pois o frio é muito; 24, 11, 4, 11
mbora a custo vou este navio atar. 1, 21, 19, 16, 9, 20, 3

AGRADEÇO
gora mesmo que foi esta extincta 11, 12, 17, 29, 4, 5, 10, 13, 3
emendo afflicta esta mulher verás; 9, 14, 6, 23, 15, 25

AGRADEÇO
ende homenagem a este grande homem, 1, 21, 19, 22, 3, 7, 23, 6, 8, 3
nte seu nome competidor teras?

AGRADEÇO
vo portanto um conceito dar-te
sem amar-te vou mostrar meu berço;
omo provincia sou bastante pobre,
h! como és nobre; Eu te agradeço!...